

Em divergência com EUA, Lula encontrará Blinken

Um dia depois de o governo dos Estados Unidos contestar publicamente suas declarações sobre Israel, presidente se reunirá com secretário de Estado americano. Gestão de Netanyahu volta a disparar ataques ao chefe do Executivo

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva reúne-se, hoje, com o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, um dia depois de os Estados Unidos contestarem as declarações do líder brasileiro que comparou a ofensiva de Israel na Faixa de Gaza ao Holocausto.

Blinken, cujo cargo é equivalente ao de ministro das Relações Exteriores, desembarcou ontem em Brasília e, após encontro com Lula, seguirá para a Cúpula de Chanceleres do G20, no Rio de Janeiro.

Horas antes da chegada dele ao Brasil, o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller, foi questionado pela imprensa norte-americana sobre as declarações de Lula. "Obviamente, nós discordamos desses comentários. Fomos bem claros que não acreditamos que ocorreu um genocídio em Gaza. Queremos ver o fim do conflito assim que for prático, queremos ver o aumento da ajuda humanitária para os civis em Gaza, mas não concordamos com esses comentários", enfatizou Miller.

Os Estados Unidos são o principal aliado do governo de Benjamin Netanyahu. Ontem, vetaram, pela terceira vez, no Conselho de Segurança das Nações Unidas, uma proposta de cessar-fogo na guerra Israel-Hamas. O Brasil, por sua vez, vem votando a favor das resoluções propostas para cessar os ataques (leia reportagem na página 9).

A tensão diplomática envolvendo a guerra na Faixa de Gaza é um dos principais itens da pauta do G20.

Maduro

A Venezuela também deve ser tema central das discussões, por dois motivos. O

Reprodução/Br.az.ibe



Lula virou alvo de ataque ao comparar guerra em Gaza ao Holocausto



Obviamente, nós discordamos desses comentários. Fomos bem claros que não acreditamos que ocorreu um genocídio em Gaza"

Matthew Miller, porta-voz do Departamento de Estado

Fronto SA/REP



O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, na chegada a Brasília

primeiro é o movimento de Nicolás Maduro para anexar a região de Essequibo, que pertence à Guiana. O presidente venezuelano ameaçou uma invasão militar após plebiscito favorável, obrigando o Brasil a mobilizar tropas na fronteira. Além disso, Maduro vem descumprindo acordo feito com os Estados Unidos para garantir eleições democráticas neste ano, de acordo com o governo americano.

O tratado prevê que candidatos da oposição possam participar livremente do pleito, o que o governo venezuelano não vem permitindo. O Brasil também participou das negociações do acordo, que inclui o fim de sanções contra Venezuela, mas ainda não cobrou publicamente Maduro.

O chanceler americano fica no país até sexta-feira, quando segue para a Argentina para uma reunião com o presidente Javier Milei.

Pontos de discórdia

A visita de Antony Blinken ao Brasil é a primeira dele como secretário de Estado. As relações entre os dois países melhoraram desde o retorno do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao poder em 2023, sucedendo Jair Bolsonaro, próximo do republicano Donald Trump.

Lula visitou Washington para se encontrar com seu homólogo, o democrata Joe Biden. Os dois líderes compartilham objetivos na luta contra as mudanças climáticas, na defesa dos direitos dos trabalhadores e nos valores democráticos, mas há muitos outros temas que os separam, começando pela Ucrânia.

O presidente brasileiro se opõe à política de isolamento da Rússia adotada por Washington desde a invasão à Ucrânia em fevereiro de 2022, por considerar que o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e os países do Ocidente compartilham responsabilidade pela guerra.

Outro ponto de discórdia é a Venezuela: Lula permanece em silêncio diante dos obstáculos para que alguns candidatos opositores ao presidente Nicolás Maduro participem das eleições previstas para o segundo semestre deste ano.

O Brasil tem "importantes laços e conexões com as autoridades de Maduro e é capaz de lhes enviar mensagens-chave", declarou, na sexta-feira, o secretário de Estado adjunto para Assuntos do Hemisfério Ocidental, Brian Nichols.

O governo Biden compreendeu, após um ano do mandato de Lula, que eles "podem ser bons amigos, aliados às vezes", mas não sempre, afirmou Bruna Santos, diretora do Brazil Institute do Wilson Center.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2